



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração simultânea de escolas técnicas federais no
estado do Rio de Janeiro**

Cabo Frio-RJ, 05 de março de 2009

É porque está batendo um sol muito forte aí, na minha cara...

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Companheiros deputados federais,

Secretários e secretárias do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar a nossa Secretária de Educação,

Meus companheiros prefeitos aqui presentes – se eu for citar o nome de todos, certamente, depois eu teria que vir ser candidato a vereador aqui, porque ia ficar muito conhecido.

Meu caro companheiro Neto, de Volta Redonda, que deve estar nos assistindo.

Primeiro, dizer para o Neto o seguinte: eu e o Sérgio Cabral queríamos ir a Volta Redonda ou a Duque de Caxias inaugurar a escola aí. Aí, o pessoal de Cabo Frio fez a seguinte ponderação: “Lula, você é metalúrgico, está cansado de ver metalúrgico lá em São Bernardo do Campo, mora perto da Volkswagen, da Mercedes, da Ford, da Brastemp. O Sérgio Cabral também vai quase todo dia na Baixada Fluminense, vai visitar”. Aqui em Cabo Frio eu só vim uma vez,



há muito tempo, pensando que ia tomar um bom banho de praia, mas a água estava tão gelada que aí eu compreendi porque o nome era Cabo Frio. Então, o pessoal daqui falou: “Olha, você vem para cá porque aqui, pelo menos, vocês vão ver um mar que não tem nem em Volta Redonda, e que não tem lá em Duque de Caxias e na Baixada Fluminense”.

Então, é por isso que nós estamos aqui. Não foi – viu, Neto – porque a gente não queria ir a Volta Redonda. Aliás, Neto, eu acho que você emagreceu um pouco, heim? E acho que você está pintando o cabelo, Neto.

Bem, eu queria dizer ao Neto da alegria de poder ver que na sua cidade também está inaugurando uma escola técnica profissional. Eu acho que Volta Redonda, pelo significado que tem no Rio de Janeiro, pela importância como cidade industrial, mais do que merecia essa escola técnica. Daí porque eu quero te dar os parabéns, Neto, dar parabéns ao nosso reitor aí, quero dar parabéns aos alunos. E dizer para você que eu espero que logo, logo, a gente tenha a plenitude dos alunos estudantes aí. Então, parabéns, Neto.

Meu querido companheiro Eliezer, que está em Duque de Caxias. Companheiro Eliezer Pacheco, que é o secretário de Educação Profissional e Tecnologia, que está lá em Duque de Caxias inaugurando a escola. É esse senhor novo, jovem, de barba branca, bigode branco, que está aí representando o Fernando Haddad.

Quero cumprimentar – se o papel descolasse, aqui – quero cumprimentar a Sônia. Levanta a mão, Sônia, para eu saber quem é a Sônia, lá em Duque de Caxias. Sônia, a diretora da Escola Técnica Federal de Duque de Caxias. Um abraço, Sônia, e parabéns pela escola.

Queria cumprimentar também o nosso querido César Luiz Azevedo, diretor da Escola Técnica Federal de Cabo Frio.

Queria cumprimentar o Bruno. Cadê o Bruno, que fez o discurso aí? Vamos ver se vocês mostram o Bruno. Aí, Bruno! Bruno, pelo discurso aí, você está com cara de candidato, heim, meu? Você que não se cuide... Primeiro,



estude. Primeiro passe no concurso da Petrobras e arrume o seu emprego na Petrobras. É tudo o que eu queria, viu, Bruno? Trabalhar na Petrobras. Meus parabéns pelo discurso, Bruno.

Queria cumprimentar cada um de vocês aqui presentes. E dizer para vocês da alegria... Eu não vou ler o meu discurso, Fernando, porque você já falou o que estava escrito aqui. É sempre assim, a gente faz o discurso, pede informações para o ministro da área, e quando ele chega, ele faz o discurso da gente e a gente fica sem ter o que falar.

Mas, eu queria dizer para vocês que eu sinto na pele, no meu sangue e na minha consciência o significado de uma escola dessas para um pai e para uma mãe e, sobretudo, para os alunos, para as meninas e os meninos que conseguem uma vaga em uma escola técnica profissional, porque eu tenho consciência de que isso é o começo da independência de um jovem. Não tem nada na vida mais sagrado do que a gente aprender uma profissão e com essa profissão a gente saber que pode se autossustentar, que a gente pode sustentar nossa família e que a gente pode ganhar um pouco mais do que aqueles que não tiveram a oportunidade de aprender uma profissão. E a profissão é extraordinária, porque quando um aluno faz simplesmente um curso de 2º grau e ele não está ligado a uma profissão, muitas vezes, e o Fernando Haddad sabe disso, um jovem de 17 anos que está cursando o segundo ano do 2º grau, ele às vezes quer trabalhar para ajudar o pai e a mãe, ele quer ajudar no orçamento de casa e muitas vezes ele quer trabalhar para ter o dinheirinho dele, para não ter que pedir dinheiro para a mãe, porque mãe é o bicho melhor do mundo, mas quando um filho pede dinheiro, ela vira uma fera. Muitas vezes, ele quer trabalhar para ter o dinheirinho dele, ele quer ter o salário dele, comprar as coisas dele, uma menina quer comprar as coisas dela, não quer ficar pedindo para o pai ou para a mãe. Então, um jovem que está fazendo o segundo ou terceiro ano do 2º grau e não está aprendendo a profissão, [quando] ele vai procurar emprego, alguém pergunta: “O que você



sabe fazer?”. Ele não sabe fazer nada. Ele apenas estudou, mas ele não aprendeu nada. Se esse 2º grau está intimamente ligado a um curso técnico-profissional, esse jovem pode chegar em qualquer lugar e, quando alguém perguntar “o que você sabe fazer?”, ele vai dizer: “Eu, além de ter o 2º grau completo, sou técnico em turismo, sou técnico em enfermagem, sou técnico em agricultura, sou técnico em computação...” Hein? Petróleo e gás, vai ser técnico em eletricidade. Ou seja, ele vai ter algo para oferecer ao empregador a quem ele está pedindo emprego. E se ele não tiver, é sempre mais difícil.

Daí porque a minha alegria em inaugurar uma escola dessas. Este ano, como disse o Fernando Haddad, nós vamos inaugurar 100 escolas dessas. Nós inauguramos a primeira em Brasília. Era uma escola fundada pelo Juscelino Kubitschek no dia 17 de fevereiro de 1958, que foi abandonada. Nós fomos lá, gastamos R\$ 3,2 milhões, reequipamos a escola, fizemos dormitório para os homens, no primeiro momento, e agora vamos fazer um dormitório para as meninas que estudam lá. São aproximadamente 1,2 mil estudantes, muitos vêm de longe, e nós recuperamos. Foi a primeira, Sérgio, que nós inauguramos, no dia 17 de fevereiro deste ano, das 100 que a gente vai inaugurar este ano. Hoje, inauguramos essas três no Rio de Janeiro. Nós vamos sair daqui, vamos para o Espírito Santo, vamos inaugurar quatro, e a partir daí, todo mês, nós vamos ter uma quantidade enorme de escolas técnicas profissionais para inaugurar.

O que nós lamentamos é que, em 1998, o ministro da Educação da época mandou o Congresso fazer uma lei tirando do governo federal a responsabilidade de fazer escola técnica. Então o governo federal não podia mais fazer escola técnica, tinha que fazer convênio com prefeituras ou com ONGs para poder fazer escola. Na teoria é tudo muito bonito, mas acontece que a maioria das prefeituras, sobretudo as menores, não tem recursos para manter uma escola técnica, não tem condições, e muito menos uma entidade da sociedade civil, uma ONG. Por isso é que nós já federalizamos um par



delas. Aqui mesmo tem um prefeito que me encontrou ali e falou: “Presidente, nós fizemos uma escola, mas é difícil mantê-la, federaliza ela”. Cadê o prefeito, não está aqui? Eu falei para o Fernando Haddad: vamos federalizar. Está ali o prefeito levantando a mão ali. Nós vamos ter que federalizar, porque nós... Quissamã? [Quissamã]... [Quissamã]! A nossa famosa [Quissamã]! A melhor água de coco do Rio de Janeiro e do Brasil, só perde para a água de coco de Garanhuns.

Então, nós agora... O que vai acontecer no Brasil? Eu concordo com os elogios que você fez ao Fernando Haddad. Eu tenho a impressão, Sérgio, de que o Brasil abandonou a educação há muito tempo porque, normalmente, quem governava o Brasil era sempre o representante de uma parte privilegiada da sociedade brasileira. Nada, nada contra as pessoas individualmente, que eu não faço política criticando individualmente. Mas na história do Brasil, se vocês pegarem desde Marechal Deodoro, vocês vão perceber que era advogado, era fazendeiro, era empresário, era professor, ou seja, nós nunca tivemos ninguém que conhecesse um pouco a experiência de vida que o povo vive no seu dia-a-dia, nunca.

Por conta disso, vocês sabem a quantidade de preconceito que foi lançado neste país contra mim. Diziam que eu não teria competência para governar o Brasil porque eu não tinha diploma universitário, diziam que eu não tinha competência para governar o Brasil porque eu não sabia nem falar direito, eu falava “menas laranja”. Hoje eu falo até *en passant*, mas antigamente eu falava só “menas laranja”. Diziam que a gente não tinha como montar governo, que a gente não tinha figuras importantes para montar o governo.

Então eu fui obrigado a passar anos da minha vida explicando que um técnico de futebol não tem que ser jogador de bola, ele tem que ser técnico, ele tem que saber montar o time. Eu, inclusive, depois dessa experiência aqui, vou propor ao Sérgio Cabral dizer ao Roberto Dinamite que, se ele quiser, nós montamos uma escola técnica para ensinar jogador de futebol a jogar bola no



Vasco da Gama. Uma escola técnica. Como eu sou muito amigo do Roberto – está bem, que o Flamengo também está precisando – quem sabe seja um caminho para a gente salvar os times do Brasil.

Agora o Corinthians está bem, porque contratou o Ronaldão, vocês viram que ele estreou ontem. Quase marca um gol, mas não marcou. Quase, quase, mais umas três horas de jogo, ele teria marcado um gol. Ou não agüentaria jogar as três horas. Domingo é contra o Palmeiras, lá em São Paulo, é a maior rivalidade, é como o Vasco e o Flamengo aqui, e nós vamos ter o Ronaldão marcando todos os gols que ele não marcou nesse ano que falta. Pois bem, então veja...

Eu penso sempre, Sérgio, uma coisa importante. Pode parecer paradoxal, mas é exatamente um presidente da República que não teve oportunidade de estudar, que está fazendo as escolas que aqueles que estudaram deveriam ter feito neste país. É um paradoxo. Agora, obviamente eu sei que todos eles que passaram pelo governo no Brasil conhecem muito mais do que eu, estudaram muito mais do que eu, mas por que não fizeram as coisas que tinham que fazer? É porque, possivelmente, eles nunca tinham sentido a necessidade, porque eles não tiveram dificuldade para estudar, os seus filhos não tiveram dificuldade de estudar. Então eles estudaram, para que se importar com os outros? Eu não consegui estudar, consegui formar meus cinco filhos, e eu sei o (quanto) isso é importante para uma mãe, sobretudo para uma mãe. Quando uma mãe vê o seu filho aprender uma profissão, ou a sua filha aprender uma profissão, essa mãe acende uma vela para Deus porque essa profissão é a garantia de que esse cidadão de Cabo Frio será um cidadão em qualquer lugar do território brasileiro.

É por isso que nós estamos fazendo isso. Até terminar o nosso mandato, serão [354] escolas técnicas. Nós encontramos 140, vamos fazer 214, e eu peço a Deus que quem vier depois de nós faça outras 300, outro que vier faça outras 300, e outro que vier faça outras 300, para que a gente possa recuperar



o atraso que nós promovemos neste país na área da Educação. Neste país, Sergio, quando nasciam duas crianças, que estavam na maternidade, se você fosse ao berçário e perguntasse de quem era filho a criança, você já saberia qual a que iria fazer universidade e qual a que iria parar de estudar no 4º ano primário. Era só saber a origem social das duas crianças que você saberia, estava demarcado.

Por isso é que quando nós criamos o ProUni, Sergio, e você acompanhou, não foi uma coisa fácil. Quando nós dissemos que iríamos fazer convênios com universidades privadas e iríamos fazer isenção de impostos para que o equivalente à isenção fosse transformado em bolsas, nós tínhamos um grupo de estudantes no Brasil, normalmente ligados à elite brasileira, que começou a fazer discurso de que a gente queria privatizar a educação no Brasil. Sabem por quê? No Brasil tem um tipo de gente que, se eles estão comendo, eles não ficam com bronca se o outro pedir comida para eles, não. Eles ficam com bronca é se o outro estiver na outra mesa, comendo a mesma comida deles, porque eles acham que só eles têm direito de comer.

Ora, o ProUni se transformou em uma revolução neste país. Já são 436 mil jovens no ProUni, da periferia, todos de escola pública. Quarenta e cinco por cento deles são meninos e meninas negros, que antes estavam marginalizados de estudar neste país. Vocês viram, na televisão está passando, uma jovem negra que está estudando Medicina. Eu não tinha visto ainda. Quando me contaram a história, eu pedi ao Franklin Martins me dar o vídeo da propaganda do Ministério da Educação. Se você não viu, Sergio, veja, porque é a história mais comovente de uma negra da periferia que, se não tivesse o ProUni, jamais chegaria a uma universidade, porque nem poderia passar no vestibular das federais, e se passasse no vestibular das privadas, quando fosse se matricular não teria dinheiro para pagar a mensalidade, porque um curso de Medicina custa R\$ 2.800,00 por mês, não é para pobre. Essa moça e tantos outros estão se formando. Este ano, Sergio, só para você



ter idéia e os companheiros prefeitos, estarão sendo formados agora em março os primeiros 56 mil diplomados do ProUni. Quantos jovens entraram este ano, novos? Mais 146 mil jovens, este ano, vão entrar na universidade, por conta do ProUni. E se Deus quiser, nós vamos chegar a 1 milhão de jovens entrando na universidade brasileira, porque é exatamente a educação a única coisa capaz de fazer com que haja igualdade entre os seres humanos, sem distinção de quem é preto e de quem é branco, católico ou evangélico, vascaíno ou flamenguista, pobre ou rico. É a educação que dá a igualdade de oportunidades para as pessoas. Tem duas coisas que dão igualdade: a educação e o futebol. O futebol é a única profissão no mundo em que os pobres ganham mais do que os ricos, porque os ricos não jogam bola, são os pobres que jogam bola. Então, é a única profissão no mundo em que a maioria que ganha muito bem são jovens pobres da periferia. E a educação é a outra coisa que dá igualdade.

Mas não é apenas isso. Nós estamos fazendo 14 universidades federais novas e estamos fazendo 93 extensões universitárias. Em Volta Redonda já tem uma. Por que nós estamos fazendo isso? Para evitar que uma menina de 18 anos ou um menino de 18 anos, querendo estudar, tenha que sair da sua terra natal, da sua região, para vir disputar uma vaga em uma única universidade federal que existe na capital. São poucas, são poucas e para pouca gente. Há uma contradição: no ensino fundamental, o pobre estuda na escola pública e o rico estuda na escola privada. Na universidade, que deveria o pobre estar na escola grátis, quem está é o rico porque é melhor, e o pobre tem que pagar.

Nós estamos mudando essa coisa. É verdade que não vai ser mudado tudo em oito anos, é um processo que pode levar uma geração, pode levar 10, 15 ou 20 anos. Mas eu tenho fé em Deus que daqui a 20 anos este país vai ser um país justo, qualquer jovem pobre que quiser poderá prestar um vestibular e se transformar em doutor, porque eles pensam que pobre só serve para ser



pedreiro, e pobre quer ser engenheiro também, pobre quer ser engenheiro, pobre quer ser médico.

Então eu acho que o que está acontecendo no Brasil é uma coisa extraordinária, do ponto de vista da educação. Nós estamos fazendo creches em muitas cidades. Quantas creches já tem, conveniadas? Já temos 1.500 creches conveniadas com os prefeitos, a gente dá o dinheiro, os prefeitos constroem as creches. Nós vamos colocar mais dinheiro, porque este país só será justo quando a gente cuidar dos que nascem e cuidar dos que, como eu, já estão na terceira idade, com mais de 60 anos, para viver dignamente o resto da sua vida.

Bem, parada essa questão da educação, tem uma coisa que nós fizemos, que uma parte da elite também não gostou, que foi o Reuni. O Reuni, o que nós fizemos? [Com] o Reuni, nós aumentamos de 12 alunos em média por professor, para 18 alunos em média por professor. Vamos ser francos, gente, não é muito 18 alunos por professor, não é muito. Mas aqui no Brasil tinha gente que não queria, falavam: “Isso vai cansar o professor. Isso é demais. Dezoito alunos? É demais”. Tem professor de pós-graduação que dá aula para dois, para três, para quatro.

Então, nós criamos o Reuni, demos um pouco mais de verba para as universidades federais, fizemos um acordo com todos os reitores e vai ter que aumentar o número de alunos. Isso significa que nós já dobramos a renovação de alunos por ano: eram 113 mil alunos a cada ano que renovavam, na universidade. Hoje são quantos? Duzentos e vinte e sete mil. Ou seja, mais do que dobramos o número de vagas novas a cada ano.

Na medida em que a gente resolva o problema da educação, que eu acho que nós vamos resolver... E não é só o governo federal, não. Na semana passada eu vim ao Rio de Janeiro, fui lá na favela, em Manguinhos, com o Sérgio Cabral, inaugurar uma escola estadual em um prédio recuperado. O que que era aquele prédio? Era um prédio do Exército, que se eu levar para a



rainha Margareth, na Inglaterra, ela vai pensar que é uma escola de Londres, de tão bonita que é.

Eu fico orgulhoso de saber que um pobre da favela, que antes era só lembrado quando a polícia entrava lá dentro para tirar, agora vai ter uma escola de qualidade, com laboratório, com computador para ele estudar. E eu tenho certeza de que muitos prefeitos estão fazendo na sua cidade a mesma coisa.

Aliás, falando em prefeito, eu quero lembrar esse pedido do companheiro Sérgio Cabral. Ele já tinha falado comigo por telefone que a região noroeste teve um problema de enchente, por causa da chuva, e eu disse para ele: pode falar no microfone, que nós vamos agora acertar com o Ministro da Integração e com a Casa Civil para a gente ver... Depois vamos telefonar para ver quanto, porque não pode ser muito também, não é, Serginho? Tem que ser uma coisa razoável, mas nós vamos ajudar na recuperação dos estragos que a enchente fez.

Por último, aqui está cheio de prefeitos, tem prefeitos do PT, do PMDB, do PSB, tem de vários partidos políticos aqui. Os prefeitos são testemunhas da relação republicana e civilizada que a gente tem mantido com eles. Lá no governo federal – e o Sérgio Cabral sabe disso – não existe hipótese de alguém perguntar de que partido é um prefeito ou uma prefeita que chegue lá para pedir uma coisa. O que nós queremos é tratar todos em igualdade de condições, porque não estaremos atendendo a um prefeito, estaremos prestando um serviço ao povo da cidade que elegeu aquele prefeito.

Quero terminar dizendo para vocês o seguinte: eu sinto prazer de vir ao Rio de Janeiro, um prazer, porque vocês sabem que eu passei o primeiro mandato “comendo o pão que o diabo amassou” na relação com o governo do Rio de Janeiro. Não vou dizer quem era, não preciso dizer nome, mas vocês sabem. Era tudo muito complicado, era tudo muito disputado, as coisas não andavam, havia desconfiança, havia disputa política. Também, o governador queria ser candidato a presidente, também é verdade, então era tudo para



atrapalhar.

Eu quero lembrar de um discurso que eu fiz com o Sérgio, no segundo turno da eleição. O Sérgio não tinha trabalhado para mim no primeiro turno, e nem eu para ele, não tinha trabalhado. Nós nos conhecemos no segundo turno, e eu disse ao companheiro Sérgio: Sérgio, nós poderemos criar uma relação entre o governo federal e o Rio de Janeiro que nunca houve na história do Rio de Janeiro.

O Rio, em qualquer parte do mundo que a gente for, o Rio é a cara do Brasil. Portanto, se este estado é a cara do Brasil, nós não podemos permitir que este estado continue aparecendo na imprensa nacional apenas nas páginas policiais ou no horário policial do noticiário de televisão, não podemos, nós temos que fazer alguma coisa.

É por isso que estamos fazendo o maior investimento já feito no Rio de Janeiro, em parceria com o governo do estado e com os prefeitos – todos os prefeitos sabem disso – atacando as favelas do Rio de Janeiro. Não atacando com policial, [mas] atacando com obras, com escolas, com cultura, com formação profissional. Porque nós achamos que a melhor forma de a gente evitar que o jovem caia no narcotráfico ou no crime organizado não é mandar a polícia para bater nele, é colocar lá a oportunidade para ele perceber que tem um outro mundo e que ele pode participar desse outro mundo. E isso vocês vão ver daqui a alguns meses o que vai acontecer na favela, no Complexo do Alemão, no Pavão-Pavãozinho, na Rocinha e em Manguinhos, vocês vão ver o que aconteceu.

Diziam assim para a gente: “Não pode ir lá. Lá não pode ir, porque quem manda é o crime, não pode nem entrar, não vai trabalhar”. Nós entramos, anunciamos e quem está trabalhando nas obras são os próprios moradores da favela do Rio de Janeiro. Nós não podemos nos conformar com a idéia de vender que todo mundo que está na favela é bandido. Noventa e nove por cento são homens e mulheres de bem, crianças que querem ter oportunidade,



adultos que querem ter o que vocês estão tendo aqui, em Cabo Frio, essa oportunidade de estudar numa escola dessas.

No dia que o Estado, o governo federal, o estadual e a prefeitura, todos nós tivermos muita vergonha na cara, esquecer que fomos adversários eleitorais e saber que fomos eleitos para prestar um serviço ao povo e fazer o que Sérgio e eu estamos fazendo, o que nós e os prefeitos estamos fazendo, definitivamente este país vai melhorar.

Queria dizer uma coisa aqui, verdadeira, porque eu conheço o Rio há muito tempo. Há muito tempo o Rio de Janeiro não tinha um governo carioca como é o do Sérgio Cabral, há muito tempo. Alguém que goste deste estado, alguém que conheça a cultura deste estado, alguém que conheça a malandragem do povo deste estado, alguém que conheça o gingado do povo deste estado, alguém que conheça a alma carioca. Era preciso que a gente tivesse eleito um homem como este.

Por isso, Sérgio, eu tenho certeza de que a união que nós estamos fazendo, quem está ganhando não sei se é você, eu, ou os nossos companheiros prefeitos. Uma coisa eu sei: o povo do Rio nunca foi tão bem-tratado e respeitado como está sendo tratado e respeitado agora.

Por isso, meus queridos companheiros, muito obrigado, boa sorte. E aos alunos, toda a sorte do mundo. Não pensem que eu... Bom, vocês sabem o peso que tem a Petrobras aqui no Rio de Janeiro. Eu até ia levar o prédio da Petrobras para Brasília, mas aí eu pensei: bom, não é possível, a Petrobras é carioca, então vou deixar ela aí. E agora que descobriu o pré-sal, agora é que não sai mesmo daqui.

Agora, não pensem que eu vou sair daqui que nem cachorro magro, não. Eu vi uma faixa que levantaram aqui. Isso aqui, Marquinhos, isto aqui, esta faixa, não é nem para mim e nem para o Sérgio. Esta faixa é para você dar um jeito de garantir o transporte aqui, para esta meninada. Veja qual é o problema e se puder a gente ajuda, mas é importante garantir o transporte para



esta meninada.

Um abraço, meus queridos. Parece que é o pessoal de Macaé. Mas você pode ajudar Macaé. Gente, um abraço, que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)